

## **Populações ribeirinhas e o processo de urbanização: o horizonte histórico das enchentes em Governador Valadares a partir do Jornal Diário do Rio Doce<sup>1</sup>**

Patrícia Falco Genovez<sup>2</sup>  
Maria Terezinha Bretas Vilarino<sup>3</sup>  
Roberto Superbi<sup>4</sup>

### RESUMO:

Nos anos de 1920, Governador Valadares girava em torno de uma rua, próxima à linha de ferro. A construção e reforma da Estrada de Ferro Vitória-Minas, entre 1903-1942, potencializou o processo de ocupação regional, atraindo migrantes de outras regiões de Minas Gerais, de outros estados e estrangeiros de várias nacionalidades. Nas duas décadas seguintes, a instalação de projetos de investimentos de capital intensificou a ocupação humana, acelerada com a abertura da rodovia Rio-Bahia (1943). Tal expansão acarretou profundas transformações na malha urbana e implicou em alterações ambientais e exigências infraestruturais de toda a ordem. Todo esse processo encontra-se inserido na equação desequilibrada entre os espaços construídos urbanos e o ajuste ao ambiente, especialmente nas áreas ribeirinhas.

**PALAVRAS-CHAVES:** População ribeirinha, enchente, Diário do Rio Doce

### ABSTRACT:

In the 1920, Governador Valadares (Minas Gerais Brazilian state city) was almost one street, next to the railway line (station). Construction and reform of this Railway (Vitópria-Minas) between 1903-1942, enhanced the process of regional immigration, attracting peoples from other parts of Minas Gerais State, from other Brazilian States and even foreigners from some different far countries. In the following two decades, since, capital investment projects were intensified and they were followed by h uman strong immigration. All this was of course speed up with the opening of the highway Rio-Bahia (Brazilian north-south hightway) in 1943. Such population blow up brought along deep transformations in urban street net and involved environmental changes and infrastructural requirements of all kind. Mainly due to the velocity of the process it happened an unbalanced equation between urban built spaces and the correct relationship of all this to the environment. This is even more true when one has in mind people living in river coastal (riparian) areas.

<sup>1</sup> Os resultados apresentados neste texto relacionam-se ao projeto de Pesquisa Águas Passadas, financiado pelo CNPq.

<sup>2</sup> Professora do Mestrado em Gestão Integrada do Território – GIT e Pesquisadora do Observatório Interdisciplinar do Território – OBIT/Univale.

<sup>3</sup> Professora do curso de História/Univale, doutoranda PPGHIS/UFMG.

<sup>4</sup> Aluno do curso de História da Univale. Bolsista financiado pela FAPEMIG.

KEY WORDS: Coastal population; Coastal people (riparian); Flood; Diário do Rio Doce Newspaper.

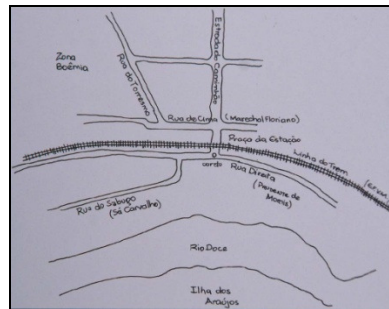
### ***A expansão urbana e a relação com o rio Doce***

No processo de ocupação e exploração regional, a cidade de Governador Valadares emergiu como pólo. A estação da estrada de ferro, inaugurada em 1910, reforçou a posição da localidade como entreposto comercial de todo o Médio Rio Doce. Nos anos de 1920, a vila de Figueira (hoje, Governador Valadares) girava em torno de uma rua, próxima de onde passava a linha de ferro, margeando o rio. O centro urbano da futura cidade ainda era coberto de mata e o local, onde seria a principal avenida, era o início da picada que atravessava a Mata do Pela Macaco, em direção ao povoado de Chonim (antigo aldeamento desta tribo), que ficava a um dia de viagem (cerca de 25 km) de Figueira (ESPINDOLA, 1999, p. 23).

Em 1930, Figueira contava com uma população de 2.103 habitantes e tinha aparência de um lugarejo pobre e perdido no meio da floresta, cuja maior parte ainda continuava intacta. Foi em 1938 que o distrito de Figueira emancipou-se de Peçanha, mudando em seguida o nome para Governador Valadares. Em 1940, com uma população de 5.734 habitantes a cidade apresentava problemas comuns às regiões de fronteira: deficiências no fornecimento de água potável, de energia elétrica e saneamento básico. “A nova dinâmica econômica fez com que a paisagem urbana regional se modificasse rapidamente. A cidade de Governador Valadares foi favorecida pelo crescimento da economia e pela expansão demográfica regional, quando a população chegou a 20.357 habitantes, na década de 1950”. (ESPINDOLA, 1998, p. 154)

Entretanto, as condições sanitárias não acompanharam esse processo e nem mesmo o processo de urbanização e desenvolvimento dos primeiros bairros surgidos em Governador Valadares. Na década de 1920, a vila encontrava-se reduzida às Rua Direita e Rua do Sabugo, hoje Rua Prudente de Moraes e Rua Sá Carvalho, conforme mapa 1. No Centro havia um Coreto construído em meados de 1921. Entre a ferrovia e o rio, as ruas do Sabuco e Direita indicam o início da ocupação de uma faixa de terreno que deram origem, posteriormente, ao bairro São Tarcísio (COELHO, 2007, p. 21).

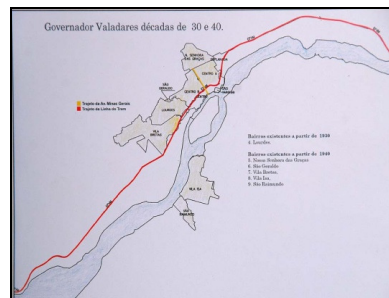
Mapa 1



Fonte: COELHO, 2007, p. 21.

Nas décadas de 30 e 40, o centro urbano não só se torna mais robusto como outros bairros surgem margeando a estrada de ferro e o rio, neste último caso, destacam-se os bairros São Tarcísio, São Raimundo e Vila Isa, conforme o mapa 2.

Mapa 2

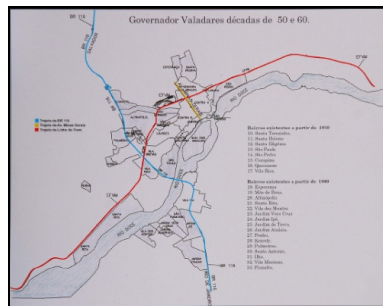


FONTE: COELHO, 2007, p. 31.

A partir das décadas de 1950 e 1960 os limites físicos impostos pela ferrovia, que circundava a cidade, foram rompido pelos bairros Santa Helena e Santa Efigênia, destinados à população mais pobre. Outros bairros surgiram nesta época, reforçando a expansão urbana (Mapa 3). Na década de 1960, outros bairros dão continuidade ao processo de urbanização da cidade. Nas décadas seguintes (Mapa 4), a cidade cresceu para além da BR116, e de 1990 em diante (Mapa 5) surgiram mais de 20 novos bairros. Tal expansão, evidentemente, acarretou profundas transformações na malha urbana e implicou exigências infraestruturais de toda a ordem. Além disso, percebe-se que cada vez mais, a população se estabelece a partir de 3 eixos: os trilhos do trem, a estrada de

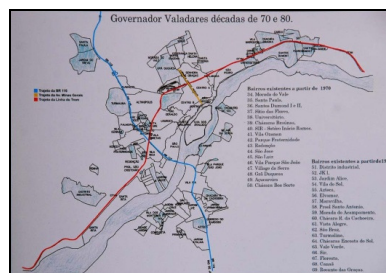
rodagem e o rio. Neste último caso, alguns dos novos bairros acabam se estabelecendo à beira do rio.

Mapa 3



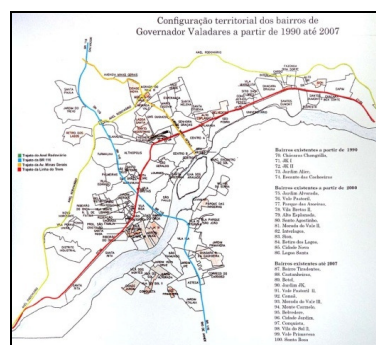
FONTE: COELHO, 2007, p. 35.

Mapa 4



FONTE: COELHO, 2007, p. 37.

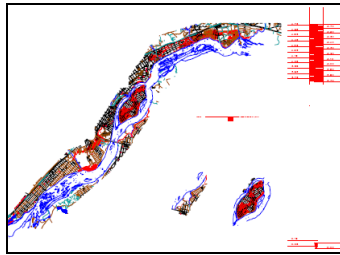
Mapa 5



FONTE: COELHO, 2007, p. 43.

No Mapa 6, a longa faixa de terra entre o centro da antiga Figueira aparece completamente ocupado. O que antes era uma faixa de terra entre o rio e os trilhos, que após a década de 1940 passa para os limites urbanos de então, se torna área densamente habitada a partir das décadas de 1950 e 60. O Mapa abaixo nos mostra em vermelho as várias áreas que sofrem enchentes e alagamentos com as cheias do rio.

Mapa 6



Mapeamento das áreas inundáveis em Governador Valadares.

Fonte: COMDEC/ Gerilo Nunes Filho

Data: 1997

O acelerado crescimento demográfico e a expansão acelerada da malha urbana se deu no contexto da II Guerra Mundial quando a economia regional foi impulsionada pelas dificuldades de abastecimento interno e a demanda dos países aliados. O interesse dos Estados Unidos se fez presente diretamente na região, motivado pela presença destes dois minérios estratégicos: mica e malacacheta. Em 1943, para executar o saneamento e dar início ao processo de urbanização de todo o Médio Rio Doce e resolver os problemas das endemias, foi estendido à região o Serviço Especial de Saúde Pública – SESP, criado um ano antes, para atuar nas regiões Norte e Nordeste do Brasil.

No caso específico do saneamento na cidade de Governador Valadares o SESP teve atuação decisiva ao erradicar a malária e na reorganização do espaço urbano. Entre os anos de 1943 – 1948 foram implementados projetos para drenagem de poços e lagoas para controle da malária (1943/1944); projeto para instalação de Sistema de fornecimento de água potável (1944/1946) e projeto paralelo de instalação de serviço de esgotos; projeto de construção de latrinas (fossas sanitárias) a partir de dezembro de 1947 (FSESP/ Seção Divisão de Engenharia, cx. 48, doc. 40 e 42; cx. 33, doc. 33 e 36).

Durante os três primeiros meses do ano 1943 aproximadamente 400 “coleções de água” e centenas de buracos foram tapados ou drenados e aproximadamente 5.000 metros de metros de pântanos e canais foram limpos ou drenados. O Projeto para instalação de Sistema de fornecimento de água potável desenvolveu-se entre os anos 1944-1946. Até então, a água utilizada pelos moradores da cidade era inadequada para o consumo pois era retirada diretamente do rio Doce, reservada de modo inconveniente em cartolas e outros vasilhames, e não havia maiores preocupações por parte dos moradores em dar-lhe tratamento para uso doméstico, como filtragem ou fervura.

A instalação do serviço de abastecimento de água abriu caminho para outro projeto complementar qual seria o serviço de captação e escoamento de esgotos doméstico e de instalações comerciais e públicas, iniciado em agosto de 1943 com término previsto para final de 1944.

Os relatórios destes projetos indicam que para resolver os problemas das endemias, da água tratada e escoamento do esgoto, ruas foram abertas e possibilitou-se condição de pavimentação das mesmas, lagoas foram esgotadas, áreas pantanosas foram limpas, as moradias puderam servir-se de instalações sanitárias mais adequadas. Estas novas condições agregaram valor às construções já existentes e às suas adjacências fazendo crescer também as taxas municipais correspondentes. Entretanto, as novas instalações sanitárias privilegiaram o centro da cidade e os bairros periféricos tiveram atendimento de menor custo ou não receberam atenção.

A expectativa manifesta dos benefícios para a cidade através da execução desses projetos, entretanto foi modesta para o acelerado crescimento demográfico que a cidade viveu. A estimativa do número de moradores a serem atendidos imediatamente pela obra era de 4.000 beneficiados e a previa-se mais 12.000 beneficiados vindouros; não se previu o boom do crescimento regional e local (FSESP/ Seção Divisão de Engenharia, cx. 33, doc. 33 e 36).

A curva de crescimento econômico começa a sofrer os primeiros abalos já na década de 1950 e na década seguinte se verifica o começo de um longo período de estagnação e, posterior, retração econômica, com registro de perdas populacionais significativas com o início do processo emigratório, principalmente, para os Estados Unidos. É exatamente essas duas décadas mais críticas, e as seguintes, que trabalharemos a seguir, a partir do jornal Diário do Rio Doce.

### ***As enchentes no “Diário do Rio Doce”: o cotidiano e as águas do rio***

O processo acelerado de expansão urbana na perspectiva cotidiana pode ser dimensionado parcialmente a partir de um dos jornais que circulavam na época, o Diário do Rio Doce. A escolha da fonte se deu a partir da possibilidade de pesquisa serial. A pesquisa concentrou-se nos meses de janeiro a março e outubro- dezembro de cada ano,

período mais propício a enchentes. Há que se esclarecer que estes meses são os que concentram maior índice pluviométrico na cidade, entretanto, as cheias não se devem apenas ao acúmulo das chuvas, mas ocorrem em função, especialmente, das chuvas nas cabeceiras do rio Doce. Assim, se na Bacia do Rio Doce o período das chuvas se torna intenso, mesmo sem um índice significativo em Governador Valadares, a enchente pode ocorrer.

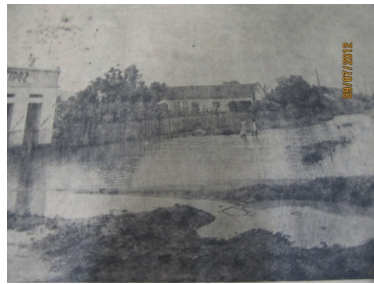
Neste ponto é importante uma ressalva: utilizaremos as noções de inundação, alagamento e enchente, de acordo com as notícias pesquisadas no jornal. De um modo geral, a diferenciação entre as noções causa certa confusão porque são oriundas dos termos, em inglês, “flood” e “flooding”. Entretanto, de acordo com Souza (1996), inundação vincula-se a transbordamentos em áreas costeiras ou na planície costeira, onde não existem ou são raras ocupações ou usos antrópicos. As enchentes são transbordamentos que ocorrem em áreas com ocupação antrópica. Os alagamentos são em áreas distantes dos canais onde ocorre transbordamento com ocupação antrópica e baixo coeficiente de escoamento.

Dessa forma, as pesquisas mapearam a primeira referência a alagamentos em 4 de outubro de 1959. A matéria do jornal se referia a um incêndio ocorrido no Mercado Municipal. A descrição feita nos remete a um cenário próximo envolvendo o Mercado Municipal. Com o título “Fogo ausente”, o pequeno trecho revela:

*O fogo, onde estás que não responde: Foste para a casa dos condes? Adonde? Na foto, o Mercado Municipal, com cara de rancho do ‘tempo da onça’. No primeiro plano, uma estrutura de árvore seca, plantada dentro de uma ‘lagoa’ de água de chuva de dois dias; à esquerda, a sarjeta, cheia da mesma água com algum lixo ‘engrossando o caldo’; lá no fundo, o local visitado pelo fogo, em seu último aparecimento; um pouco antes, o chamam de Mercado Municipal, recém atingido pelo fogo, em outra parte, que hoje já tem novas barracas (uma a mais das que queimaram). Por que não vens, o fogo, doce fogo? Onde está a vergonha? Encostados no MP os burros. E por falar em burro... bem é melhor nem falar. (DRD, 04/10/1959).*

Nos anos subseqüentes nota-se uma constância de referências a problemas de alagamentos e do escoamento lento das águas da chuva. Para ilustramos a dificuldade enfrentada pela população, podemos citar o caso do Bairro Grã-Duquesa (Foto 1), cujas

Foto 1 – Alagamento registrado no Bairro Grã-Duquesa



Acervo: DRD  
Data: 21 de Janeiro de 1960

poças eram enormes, cobrindo quase totalmente as ruas. As críticas revelam a indignação, a falta de administração pública e o descaso com a própria população, tendo como exemplos, as reportagens “Canal e Lagoa” de 11 de outubro de 1962, “Chuvvas paralisam cidade e avenida vira lagoa” de 20 de dezembro de 1962, “Água Contra Favela” 21 de 1962 . Vemos que as críticas redigidas e estão diretamente relacionadas aos alagamentos de ruas, sobre absurdos de pessoas terem que enfrentar ruas do centro da cidade e alguns lugares adjacentes da parte nobre e central da cidade, de pólos comerciais e estabelecimentos comerciais alagados.

A primeira referência à palavra enchente data de 30 de dezembro de 1964, em uma reportagem com título de: “Chuvvas aumentam água no Rio Doce e deixam a cidade a seco: Canos entupidos”. Mas as maiores ocorrências ainda vistas não são de enchentes mas dos problemas das malha urbana da cidade, e como houve seu crescimento. O trecho seguinte faz parte da reportagem abordada “A enchente no Rio Doce e o conseqüente entupimento dos canos e condutores são causas da falta de água à cidade”...

Curiosamente, a palavra enchente é utilizada mas não como o problema central, muito embora doze bairros Gran Duquesa, Santa Terezinha, Ilha, Bairro São Paulo, Santa Rita em poucos casos, e os mais raros citados a JK. Já estivessem estabelecidos às margens do rio, conforme Mapa 3, exposto acima. Contudo, a matéria levanta outro problema que já aparece com o desenvolvimento acelerado ocorrido nas décadas anteriores: a precária infra-estrutura da malha urbana.

A questão das enchentes só ganha vulto em 1979, mais precisamente datada no jornal em uma terça-feira 16 de janeiro de 1979. Antes dessa data o jornal pouco retrata os danos ou transtornos ocorridos. Foi a enchente de 1979 que surpreendeu a população



já que os Mapas 4 e 5 mostram um alto índice de ocupação margeando o rio que chegou a subir 5, 01 metros. Seus impactos perduraram por um longo período. Se de fato os jornais não dão grande repercussão a ocorrências de catástrofes anteriores, talvez esse fato possa nos sinalizar que os alagamentos no centro e bairros da cidade, assim como as inundações e enchentes em áreas ribeirinhas não levaram a população a configurar uma situação de risco recorrente frente ao rio Doce. Seria portanto, a enchente de 1979 a que possivelmente iniciou uma memória de perdas e transtornos causados pelas águas do rio. A memória do evento repercutiu em matérias posteriores e foi mantida por anos. Temos uma grande variedade de datas em que podemos citar deste subsequente evento, podemos iniciar justamente no dia 16 de Janeiro de 1979, e se estende longo do ano. Assim de fato se encerra o assunto, em uma retrospectiva do ano de 1980.



Enchente 1979  
 Acervo: DRD  
 Data: 20 de janeiro de 1979



Charge da enchente de 1979  
 Acervo: DRD  
 Data 26 de Janeiro de 1979

O problema causado por esta enchente deu-se em função não só da extensão, mas também pelo tempo de duração. Em termos de impacto as matérias e charges da época mostram o despreparo do poder público municipal para enfrentamento do problema. De modo geral, as reportagens não focalizam diretamente no rio, mas

revelam a estrutura urbana como a grande vilã dos problemas vivenciados pela população. Sem uma rede pluviométrica a falta de escoamento crescia na mesma proporção que a cidade e piorava significativamente, tanto para a população que cada vez mais se aproximava do rio quanto para aqueles que mesmo distantes conviviam com as ‘lagoas’ sazonais. Portanto, os casos deixam de ser pontuais e passam a ser verificados em toda a cidade, por meio dos recortes e algumas reportagens nos bastam para vermos esta situação com clareza, um recorte de 18 de janeiro de 1980, outro recorte de 20 de janeiro de 1980, “São Cristovão reclama de falta de escoamento das águas de chuva”, 26 de novembro de 1981.

A terceira enchente retratada pelo DRD foi a de 10 de janeiro de 1985. Esta enchente teve uma grande repercussão embora não houvesse registro de tantos danos se comparada à de 1979. Em 1985 o nível do rio chegou a 4,01 metros, exatamente um metro a menos que o nível alcançado em 1979. Entremendo as notícias da enchente, os alagamentos já freqüentes apareciam em inúmeros pontos da cidade. Um dos destaques foi, neste período, para o problema de escoamento da água de um viaduto criado na entrada do bairro Grã-Duquesa.



Enchente 1985  
 Acervo: DRD  
 Data: 10/01/1985



Enchente 1985 - viaduto  
 Acervo: DRD

Data: 10/01/1985

A quarta enchente a receber destaque foi a de 1997, quando o nível do rio chegou a 4,77 metros. A repercussão sobre os danos foi significativa, com diversas reportagens e fotografia registrando a calamidade pública vivenciada pelos valadarenses. O DRD criou uma coluna específica para as notícias da enchente com informes sobre o tempo e as cheias do rio.

### ***CONSIDERAÇÕES FINAIS***

Todo o processo de expansão descrito acima deve ser levado em consideração numa relação estreita com a intensificação dos eventos extremos, um componente a mais na equação desequilibrada entre os espaços construídos urbanos e o ajuste ao ambiente, especialmente nas áreas ribeirinhas. As conseqüências que colhemos atualmente com as enchentes do Rio Doce, em Governador Valadares, não são apenas resultado da diagnosticada mudança climática em curso no planeta; esta potencializou o déficit que acumulamos por anos de produção de um espaço urbano que não leva em conta fatores ambientais, históricos e culturais em seu processo de ocupação, construção, gestão e planejamento. Estas questões estão muito presentes no cotidiano da população urbana valadarense. É neste contexto que se coloca nosso objeto de pesquisa, por entendermos que as enchentes configuram eventos-limite em que são postos à prova vários atores (governo municipal, sociedade civil organizada, lideranças comunitárias, instituições de assistência, etc.) e segmentos sociais envolvidos no processo de urbanização e na configuração das territorialidades que dele participam.

A partir das matérias do DRD é possível apontar indiciariamente que a população sofria com a falta de infraestrutura da malha urbana que crescia vertiginosamente. Sem um sistema adequado de escoamento não só as margens do rio apresentavam problemas com alagamentos mas todos os bairros da cidade. Historicamente, as enchentes foram bem marcadas em datas precisas e entraram no imaginário e na memória popular em função dos danos e repercussão. Entretanto, é significativo que o jornal de maior circulação da época enfocasse recorrentemente os alagamentos. Nas narrativas populares e na memória, a margem do rio só ganha

contornos dramáticos com a enchente de 1979. Portanto, após o estabelecimento de inúmeros bairros ribeirinhos. Até então, o perigo não era considerado no horizonte histórico dos valadarenses e, possivelmente, o escoamento das águas das chuvas era mais rápido nas proximidades do rio do que nos bairros mais afastados.

## ***FONTES PRIMÁRIAS***

### ARQUIVO DIÁRIO DO RIO DOCE

Jornal Diário do Rio Doce 1958-1999.

### CASA DE OSWALDO CRUZ

Fundo FSESP: Seção Divisão de Engenharia - Caixas 33 e 48.

## ***FONTES SECUNDÁRIAS***

COELHO, L. T. G. **Governador Valadares. Seu espaço, sua paisagem – A cidade através dos tempos.** Governador Valadares, 2007. (Trabalho de Conclusão de curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo – UNIVALE).

ESPINDOLA, H. S. **Associação Comercial de Governador Valadares. 60 anos de história.** Governador Valadares/MG: ACGV, 1999.

ESPINDOLA, H. S. A história de uma formação socioeconômica urbana: Governador Valadares. **Varia História**, N. 19, 1998, Belo Horizonte: Depto de História da Fafich.

## ***BIBLIOGRAFIA***

SOUZA, C. R. G. Riscos a inundações, enchentes e alagamentos em regiões costeiras. Simpósio **Brasileiros de desastres naturais.** Florianópolis, 2004.